

Aristóteles Drummond

O maior dos brasileiros

Este ano marca os 200 anos do nascimento do Imperador D Pedro II, considerado o maior dos brasileiros. Nascido no Rio e benfeitor maior de Petrópolis, a data seria uma oportunidade de levantar a autoestima nacional, que anda baixa pela tragédia dos anos lula-petistas-bolsonaristas, em que duas figuras menores competiram na falta de compostura para o exercício da alta função a que foram levados.

D. Pedro II governou o Brasil por 49 anos, impecável teve formação religiosa, ética, moral, cultural. Verdadeiro democrata, pode até ter exagerado na tolerância com o direito de crítica exercido nem sempre com responsabilidade e respeito; mas antes assim. Seu longo reinado registrou saudável e tranquila alternância no poder das correntes liberais e conservadoras e

executou processo de libertação dos escravos lenta e segura. Não corresponde à verdade atribuir a abolição aos difíceis primeiros anos da República. Quando da Lei Áurea, coroamento de dedicada militância da Princesa Izabel, o número de escravos já era menor. Apenas ocorreu a imprevidência de não ter se preparado aqueles brasileiros para uma formação profissional que os situasse bem.

Os países desenvolvidos têm o bom hábito de valorizar seus personagens históricos relevantes. No Brasil, os tempos de ordem e progresso da monarquia praticamente se limitam à denominação de logradouros públicos com nomes de ilustres titulados do Império; mesmo assim, sem referência ao papel que exerceram na vida pública.

Os 200 anos da Independência foram praticamente ignorados pelo governo passado. O que evidencia que o então presidente pouco assimilou nos anos passados na academia das Agulhas Negras, onde os valores cívicos são exaltados no currículo. Agora, este outro brasileiro que ignora a existência, hoje como no passado, de brasileiros de boa formação no exercício da Presidência e certamente os serviços prestados por Pedro II na construção de nossa pátria.

O setor privado deve fazer alguma coisa, como reedição de parte da rica bibliografia sobre o Imperador e sua época. Brasil de prestígio e respeito internacional. Governante respeitado e que se comunicava com os maiores de seu tempo, muitos parentes, de igual para igual. E

os militares, que têm em titulados do Império seus patronos, Almirante Marquês de Tamandaré, na Marinha do Brasil, e Marechal Duque de Caxias, também estadista com passagem marcante no Executivo e no Legislativo.

A sociedade, entidades cívicas e culturais não devem esperar iniciativas do governo. Talvez Petrópolis, hoje entregue a boas mãos, possa fazer algo que leve a cidade aos admiradores do grande brasileiro. O Museu Imperial é o mais visitado do Brasil desde sempre, a cidade ostenta com orgulho o título de Cidade Imperial. E foi residência e berço da Família Imperial. O Príncipe do Brasil, D. Rafael de Orleans e Bragança, Ligne por parte da mãe, nasceu na cidade onde seu pai, D. Antônio, morou quando se casou.

André Naves*

Enfrentamento humanista à criminalidade

Rubem Alves, em uma de suas crônicas, observou com perspicácia que “todo mundo quer se matricular em um curso de oratória, porém ninguém se interessa em aprender a “escutatória”. Essa reflexão, aparentemente simples, revela uma profunda lacuna na forma como lidamos com os problemas sociais, especialmente no que diz respeito ao enfrentamento da criminalidade. A falta de escuta atenta e empática tem sido uma das principais razões pelas quais as políticas públicas nessa área têm falhado em atender às reais necessidades da população. Enquanto isso, discursos simplistas ganham espaço, alimentados por uma narrativa que ignora as complexidades do fenômeno criminal e suas raízes sociais.

Há anos, a insatisfação da população com a segurança pública e o combate à criminalidade é evidente. No entanto, as autoridades parecem surdas a esses clamores, enquanto setores progressistas, por vezes, evitam o tema, criando a impressão de que estão desconectados da realidade popular. Essa omissão abre caminho para que

vozes reacionárias dominem o debate, impondo políticas públicas baseadas em bordões vazios, como “direitos humanos para humanos direitos”. Tais propostas, embora sedutoras, são enganosas e contraproducentes, pois não enfrentam as causas estruturais da criminalidade e, muitas vezes, agravam a violência e a desigualdade.

O enfrentamento humanista à criminalidade, por outro lado, propõe uma abordagem que combina rigor legal com a garantia dos direitos humanos fundamentais. Como estabelecido no artigo 5º da Constituição Federal de 1988, esses direitos incluem a vida, a liberdade, a igualdade, a segurança e a propriedade. Nesse sentido, esse enfrentamento não pode se restringir à repressão policial. É preciso que o Estado atue de forma preventiva, levando cidadania e dignidade às comunidades mais vulneráveis, em vez de apenas “chegar com o pé na porta” em operações violentas que perpetuam o medo e a insegurança.

A criminalidade, em grande parte, é um sintoma de falhas estruturais: falta de acesso à

educação de qualidade, à saúde, ao emprego digno e à moradia. Ignorar essas questões é como tratar uma doença apenas aliviando seus sintomas, sem atacar sua causa. A situação carcerária brasileira é um exemplo claro de como o sistema atual falha em seu propósito. As prisões, longe de ressocializar, funcionam como escolas do crime, onde o indivíduo é exposto a condições desumanas e à influência de organizações criminosas.

Além disso, é fundamental reconhecer que o combate à criminalidade não é uma tarefa exclusiva das polícias. Envolve atuação integrada de diversos setores do poder público. A zeladoria urbana, por exemplo, com a manutenção de ruas, calçadas e iluminação pública, contribui para a sensação de segurança e bem-estar. Da mesma forma, políticas de saúde, educação e mobilidade urbana são essenciais para prevenir a violência e promover a inclusão social. Enfrentar a criminalidade de forma humanista exige um pacto entre os poderes e entes federativos, transcendendo ideologias e partidarismos, em prol da dignida-

de individual e coletiva.

O enfrentamento humanista à criminalidade não é uma proposta ingênua ou leniente. Pelo contrário, é uma abordagem que exige coragem para enfrentar as raízes do problema, combinando rigor legal com a garantia dos direitos humanos. É uma proposta que reconhece a complexidade do fenômeno criminal e busca soluções que vão além da repressão, promovendo a justiça social e a dignidade humana. Como bem lembrou Rubem Alves, é preciso aprender a escutar, pois só assim poderemos construir políticas públicas verdadeiramente eficazes e humanizadas.

***Defensor Público Federal formado em Direito pela USP, especialista em Direitos Humanos e Inclusão Social; mestre em Economia Política pela PUC/SP. Cientista político pela Hillsdale College e doutor em Economia pela Princeton University. Comendador cultural, escritor e professor (Instagram: @andrenaves.def).**

Barros Miranda*

Saber usar a dialética a seu favor

Das asas à imaginação para o picadeiro da fortuna. Quem não sabe o que diz, nunca saberá o que reina em seus pensamentos. Eis que a condição para a fábula dos conflitos de hoje, sejam a solução para outrora. Contudo, nada se solidifique como a água que translúcida na fonte, assim como o gelo que se endurece no mar de lama e de fome.

Um início poético e rebuscado, para apenas dizer como muitas palavras bonitas podem nos dizer absolutamente nada. E as-

sim que muitos acham que se sobressaem em relação aos outros.

Saber usar a inteligência é uma coisa sábia, não uma dádiva. O problema é quando vem a soberba, que faz o homem ser melhor do que o outro, e não igual, ou mesmo a inveja, que nos faz ter aquilo que o outro tem, com todas as consequências que possam passar e enfrentar.

O que muitos não sabem é como dosar todo o poço de cultura para ganhar e não para se sentir o melhor e o mais culto.

De nada adianta saber muito, se não utiliza todo o conhecimento ao seu favor.

Usar palavras bonitas pode parecer mais que você não sabe o que diz do que mostrar que tem conhecimento, cultura e leitura.

Assim, prestar mais atenção na dialética é o primeiro passo para saber que o público está de acordo ou não e se sua audiência está entendendo a mensagem que deseja passar. Afinal, o primeiro passo para

uma boa comunicação é saber como usar as palavras no momento certo e na hora conveniente a ela. Caso contrário, não ganhará o que deseja e pode sair frustrado da situação.

Sendo assim, pense bem antes de agir, pois a dualidade entre razão e emoção pode não nos dar uma saída, e sim fazer cair em armadilha — e daqueles onde tentar se desvincilhar pode ser pior e machucar mais.

***Jornalista e historiador**

EDITORIAL

A (lamentável) nova revolta da vacina

Nesta semana, o Distrito Federal registrou um caso de sarampo, doença que já havia sido erradicada e não era registrada na capital federal há cinco anos. O caso foi confirmado dias antes do jogo de futebol entre a Seleção brasileira contra a seleção colombiana, no estádio nacional Mané Garrincha, em Brasília. Uma data que trouxe turistas para a capital federal e, sem os devidos cuidados, poderia gerar uma nova contaminação em massa.

Felizmente, de acordo com a Secretaria de Saúde do DF em reportagem do Correio da Manhã (página 10), a pessoa infectada encontrase com a situação estável e, principalmente, segue o protocolo de isolamento para evitar a transmissão do vírus. O mesmo se aplica para as 278 pessoas que tiveram contato com essa pessoa.

Caso não houvesse cooperação da pessoa enferma, o caso poderia trazer um deja-vu do começo da contaminação da covid-19 no DF, quando uma pessoa infectada desrespeitou as medidas de isolamento, inclusive indo em um show de grande porte da banda internacional Maroon 5. As situações seriam semelhantes quando se refere a duas pessoas que contraíram a doença após realizarem uma viagem internacional. A pandemia de coronavírus deve ter contribuído para o sentimento de se cumprir corretamente um isolamento social temporário.

Mas, caso o isolamento

não fosse respeitado, haveria uma diferença entre os casos: a covid-19, na época, não tinha uma vacina que prevenisse e protegesse contra a doença, o sarampo sim. E, ao contrário da gripe, em que é necessário reforçar a vacinação anualmente porque “há uma queda do nível de anticorpos contra o vírus Influenza com o passar do tempo” – segundo o Ministério da Saúde –, a vacinação contra o sarampo é considerada vitalícia, desde que se tomem as duas doses da vacina.

Além disso, o imunizante contra o sarampo pode ser tomado entre um ano de vida e 59 anos de idade e é encontrada gratuitamente em postos de saúde e hospitais. Não há desculpas para não se vacinar contra o sarampo, a não ser a ignorância na eficácia da imunização preventiva.

É lamentável que o Brasil, um país que já foi reconhecido internacionalmente como exemplo a ser seguido na vacinação da população em massa, tenha que reviver cuidados com doenças que já tinham sido erradicadas. Em 1904, ocorreu no Rio de Janeiro a chamada Revolta da Vacina, motim popular contra uma lei que tornou obrigatória a vacinação contra a varíola, sem que houvesse campanhas de conscientização. Atualmente, em um mundo globalizado com informação na palma da mão, uma revolta da vacinação contemporânea é deprimente e, de certa forma, perigosa para o resto da população.

Chance de ouro para o cinema nacional

A boa fase do cinema brasileiro nos circuitos internacionais cinematográficos é uma oportunidade de ouro para fomentar e desenvolver novas ideias, formando novos cineastas e incentivando suas obras.

Essa “redescoberta” do cinema nacional pelos brasileiros é parte importante da luta travada pelos apaixonados pelo audiovisual nos últimos anos, quando o setor sofreu graves perdas, principalmente por conta dos efeitos catastróficos deixados pela pandemia de Coronavírus.

Pois bem, a melhor forma do público incentivar os cineastas é fazendo algo simples: ir ao cinema. E agora há uma série de mostras e festivais gratuitos ou com preços populares.

Quem ama a produção audiovisual independente e de qualidade, não pode perder. O Canal Futura convida o público a assistir, gratuitamente, os seus documentá-

rios de maior destaque na Cinemateca do MAM – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - nos dias 22 e 23 de março, na Mostra Cineclubes Futura. As produções são curtas e longas do acervo do canal, feitas a partir dos editais do Doc Futura - iniciativa dedicada a fomentar a produção audiovisual crítica e criativa do país pela seleção de ideias e formatos destinados a serem exibidos em canais de TV e web.

As obras selecionadas para a mostra se propõem a trazer reflexões sobre sustentabilidade, direitos humanos e os desafios globais a partir de uma perspectiva educativa e inclusiva.

O projeto reafirma o compromisso do Futura com a diversidade de vozes do cinema independente, ao mesmo tempo em que estimula uma leitura mais abrangente do mundo. Os ingressos gratuitos podem ser adquiridos no site do MAM.

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: CAFÉ BRASILEIRO PODE SER TAXADO NA ITÁLIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 21 de março de 1930 foram: Imprensa britânica diz que a partida de Briand de Londres

para a Paris não sacramenta a desistência da França nas negociações da Conferência Naval. Ministro das Finanças da Itália envia relatório à

Câmara dizendo que o café é produto de luxo e que precisa ser taxado. Brasil é admitido na Federação Internacional de Tênis.

HÁ 75 ANOS: CHINA COMUNISTA NÃO TEM ASSENTO NO CONSELHO

As principais notícias do Correio da Manhã em 21 de março de 1950 foram: China de Mao Tse-Tung não terá assento no Conselho

de Segurança da ONU. União franco-alemã ainda corre nas rodas de conversa da Europa. Câmara debate o envio de uma comissão para os Es-

tados Unidos para esclarecer pontos sobre o café brasileiro. Estudantes prosseguem campanha nacional em prol do brigadeiro Eduardo Gomes.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Carlos Martins, Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor) e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.